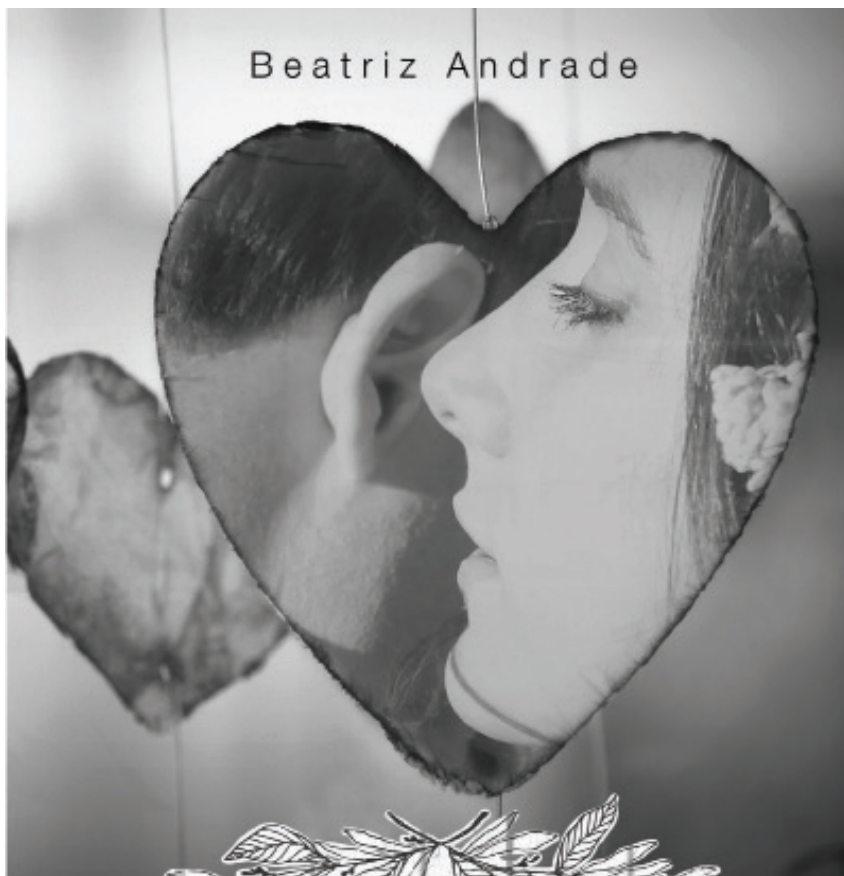


Beatriz Andrade



ÉRAMOS APENAS  
**Amigos**

Nova Casa Editorial



## DEDICO ESTE LIVRO:

Ao Wattpad, por me dar a chance de escrever e publicar.

A todos os meus leitores do Wattpad, desde aquelas que só leem até aos que votam e comentam, por estarem sempre aqui, me apoiando e elogiando. Eu é que sou fã de vocês.

À Shirley Motta, por me mostrar que sim, eu sou capaz.

À minha mãe, minha dinda Sandra e Tia Conceição, por sempre acreditarem em mim e me ensinarem a diferença entre ‘mas’ e ‘mais’.

À Márcia Batista, por ter me dado o meu primeiro livro.

E, finalmente, a você que está lendo, por existir.



## ÍNDICE

Capítulo 1	11	Capítulo 17	99
Capítulo 2	15	Capítulo 18	101
Capítulo 3	17	Capítulo 19	105
Capítulo 4	19	Capítulo 20	109
Capítulo 5	21	Capítulo 21	113
Capítulo 6	25	Capítulo 22	119
Capítulo 7	29	Capítulo 23	123
Capítulo 8	37	Capítulo 24	131
Capítulo 9	43	Capítulo 25	135
Capítulo 10	51	Capítulo 26	141
Capítulo 11	61	Capítulo 27	147
Capítulo 12	69	Capítulo 28	151
Capítulo 13	77	Capítulo 29	157
Capítulo 14	85	Capítulo 30	165
Capítulo 15	89	Capítulo 31	171
Capítulo 16	93	Capítulo 32	177

Capítulo <i>33</i>	181	Capítulo <i>40</i>	221
Capítulo <i>34</i>	185	Capítulo <i>41</i>	229
Capítulo <i>35</i>	191	Capítulo <i>42</i>	235
Capítulo <i>36</i>	197	Capítulo <i>43</i>	247
Capítulo <i>37</i>	203	Capítulo <i>44</i>	253
Capítulo <i>38</i>	209	Capítulo <i>45</i>	259
Capítulo <i>39</i>	215	Capítulo <i>46</i>	265







# Capítulo 1

## Lena

Hoje eu fui olhar aquela minha gaveta que está abarrotada de coisas, mas que eu nunca guardo nada lá. Adivinha o que eu achei. Não. Não foi comida, não foi barata, foram alguns diários. Quando eu era pequena minha mãe sempre comprava para mim aqueles diários fajutos de cinco reais e eu ficava super feliz com isso. Achei cada coisa! O mais antigo era rosa, com algumas borboletas na capa, as folhas quase soltando, então abri ele e li um dos primeiros textos.

*“Ai diário, não aguento mais a minha vida! O Gustavo nem me da bola :( e eu sou SUPER APAIXONADA POR ELE! Por que ele não percebe?? Eu sei, eu sei.. tenho só 8 anos... mas ele é tão lindo, tão legal... Por que ele não gosta de mim? E o pior de tudo é que eu não posso contar isso pra ninguém, só para a Bia.. :( Vou me mataaaaaaaaar :’(“*

Nossa... eu nem me lembrava mais disso. Eu gostava do Gu? Affe! Ele é só meu amigo! Somos apenas amigos! Por mais que a minha mãe já tenha falado que deixaria eu namorar com ele, a gente não tem nada a ver. Não rola nada! Cansei de ler essas idiotices! Este aqui deve ter alguma coisa mais interessante. Laranja com bolinhas pretas, folhas decoradas e com uma caligrafia péssima.

*“Sim, eu sei diário, eu posso ter só 9 anos, mas eu não aguento mais... por que eu fui me apaixonar pelo meu melhor amigo? Eu não posso falar nada quando vejo ele falar que está gostando de tal menina... senão ele vai saber que eu gosto dele :( O que eu faço? Não quero perder a amizade dele. Ele me enxerga só como uma amiga :( “*

Será que eu só falo do Gu? Eu nem me lembrava que gostei dele. Eu só lembro dele falando de várias garotas e eu morrendo de ciúmes! É melhor eu largar essas coisas, vou ligar para ele.

—Alô?

—Oi Gu!

—Quem é?

—A atendente da pizzeria! Quem você acha que é?

—Oi L.! —ele riu.

—Ai! Estou morrendo de tédio..

—Também. Você está em casa?

—Estou.

—Ah, então vem aqui em casa! Vamos ver uns filmes. A gente aluga na locadora da rua.

—Okay.

—Tchau, anda logo! Beijo.

—Tchau, beijo.

Que roupa eu coloco? Porque eu estou pensando na roupa? Só vou para a casa do Gu. Vou colocar uma blusa com um short. Cinco minutos depois eu já estava na rua, andando até a casa do Gu, ele morava duas ruas depois da minha.

## *Gustavo*

Desliguei o telefone e fui esperar a Lena no começo da rua. Vi-a, ela estava tão linda.

—Oi Gu!

—Oi L.! A gente vai alugar que filme?

—Ah, sei lá! Um de terror.

—Ai, eu tenho medo de filme de terror, você sabe!

—Calma, eu te salvo dos monstros!

—Palhaço! Vamos logo.

Eu sempre sei como convencê-la, como fazê-la ficar com ciúmes. Só queria que ela percebesse que eu a amo e sempre a amei. Por que ela não consegue ver isso? Mas não posso falar isso diretamente para ela, já que se ela não corresponder, vai ficar um clima estranho entre nós.

—Gu, é sério, qual vai ser o filme?

—Chucky, é um clássico! E você nunca viu.

—Eu nunca vi nenhum filme de terror.

—Tudo tem sua primeira vez.

Chegamos na locadora e alugamos “Boneco Assassino”. Ela ficou com medo até da capa do DVD.

—Gu, eu não vou conseguir dormir depois.

—Não tem problema! Você liga para a sua mãe e diz que vai dormir aqui.

—Ah, até porque ela vai deixar fácil, fácil! —ela revirou os olhos. —Aliás, eu só vou dormir na casa de um garoto, nada de mais!

—Se quiser eu durmo na sala e a minha avó liga para a sua mãe!

—Tá, vai que ela está de bom humor hoje.

Fomos para a minha casa, fizemos pipoca e, como prometido, antes do filme falei para a minha vó ligar para a mãe dela. Ainda bem que a Dona Cláudia (mãe da L.) é gente boa e deixou a L. dormir aqui em casa, mas claro que com uma condição: que eu e ela não dormíssemos na mesma cama.

## Capítulo 2

*Lena*

Mas ele só podia estar brincando comigo! Por que escolher logo o Chucky? Só para me deixar com mais medo porque eu tenho vários bichinhos de pelúcia no meu quarto? Okay, não são bonecos, mas podem ganhar vida do mesmo jeito! Vai que o meu Sansão começa a rodar no alto e se tacar em cima de mim e querer me sufocar nas orelhas dele? Ai meus deuses!

Mas por fim, como sempre, eu cedi. Fomos fazer a pipoca:

—Lena, cuidado tá, vai que de noite o Chucky vai te pegar!  
—ele disse rindo e eu me perdi naquele sorriso.

—Muito engraçadinho, Gustavo! Mas você sabe que eu tenho muito medo mesmo dessas coisas sobrenaturais.

—É, eu sei. Você tinha medo de ver Harry Potter sozinha!

—Mas eu só tinha dez anos!

O micro-ondas apitou e a pipoca já estava pronta. Pegamos e fomos até à sala. Fiquei sentada no sofá esperando ele colocar o DVD dentro do aparelho. Ele chegou e para minha surpresa, sentou bem encostado em mim. Meu coração parecia a bateria da Grande Rio. Deitei minha cabeça no ombro dele, como se fosse uma coisa normal, que eu sempre fazia. Mas não era, vi que ele me olhou assim que fiz isso. Ele me olhou de um jeito diferente. Com mais carinho, doçura, e se eu me iludir um pouco: amor. Não, claro que não, Lena! De onde você tirou isso? E, aliás, isso nem importa!



## Capítulo 3

### Gustavo

E o filme ia começar... olhei para o lado e vi a cara de medo da Lena, receosa do que iria acontecer naquele filme. Ela estava tão fofa, tive vontade de abraçá-la até ela dizer chega. Mas nada ia ser melhor do que a sensação da cabeça dela deitada no meu ombro. Assim que ela fez isso, eu olhei para o seu rosto e ficou praticamente escrito na minha testa: “Eu te amo sua boba, eu te amo desde que nos conhecemos e só você não percebe isso! Mas eu não queria acabar com a nossa amizade, pois sabia que você nunca iria gostar de mim desse jeito”, eu realmente precisava de uma testa maior para isso. Queria ter coragem de dizer isso para ela. Me perdi nos meus pensamentos e só ‘acordei’ quando ela apertou a minha mão, já estava na parte do filme em que o Chucky ganhava vida.

—Gu, eu estou com medo.

—Calma, L.

E eu a abracei e ficamos ali abraçados. A garota que eu amei em toda a minha vida estava em meus braços, mas não era nada relevante para ela, afinal, nós dois éramos apenas amigos, por mais que eu quisesse muito mais que isso. Mais uma vez estava perdido nos meus pensamentos, quando quase dei um pulo ao sentir a boca dela na minha bochecha. Ela deu-me um beijo! Tudo bem, era apenas na bochecha, mas isso quase nunca acontecia e, quando acontecia, ela me deixava todo derretido. Como era possível uma garota ser tão linda assim?

Apertei-a mais em meus braços e, finalmente, consegui prestar atenção no filme que por sinal já estava na metade. Em cada parte assustadora demais para ela aguentar, apenas enterrava a cabeça no meu ombro fechando os olhos. Eu achei tão fofo... o que eu devia fazer para o meu amor por ela ser recíproco?



## Capítulo 4

*Lena*

Quando acabou o filme eu já estava morrendo de medo. SOS! Okay, todo mundo fala “Ah, Chucky nem dá medo”. Mas gente, o máximo que eu consigo ver é Supernatural. Será que o Gu achou estranho eu deitar no ombro dele? Será que ele me acha medrosa? Bom, medrosa todo mundo me acha, mas enfim. Ai meus deuses! Só agora me lembrei, eu vou dormir aqui. Affe Lena, você já dormiu aqui um milhão de vezes!

*Gustavo*

Não consigo pensar em nada além de como ela é linda. O cabelo castanho claro dela. Amo os olhos pretos dela; parece que ela tem buracos nos olhos, mas não é ruim, é lindo. Ela é perfeita. Ela é perfeita para mim.

*Lena*

Por que será que ele não percebe que eu o amo? Estamos calados faz mais de dez minutos. Se eu pudesse ter algum poder daquelas pessoas dos desenhos que ele vê, sem dúvida seria ler mentes. Principalmente a dele. Somente a dele.

—Lena?

—Oi?

—Nada não, é que você está calada. Você ainda está com medo?

—Tirando a hipótese de que um dos meus bichinhos de pelúcia podem virar um assassino horrível, estou bem! —ele gargalhou quando eu disse isso e respondeu:

—Calma. Eu não ia deixar ninguém te machucar.

—Awwn, eu sei que você me ama— disse dando língua.

—Ah é? Então sinta o poder da cosquinha! —ele riu “maleficamente”, pelo menos tentou.

Eu saí correndo, tentando me esconder em algum lugar. A esperança é a última que morre!

## Capítulo 5

### Gustavo

—L.? Onde você está? —Ela se escondeu logo após de eu ir procurá-la para fazer cócegas.

—Buuuu!

Ela apareceu atrás de mim toda risonha. Eu quase me derreti todo. Não, eu me derreti. E ela deve ter percebido.

—O que foi? —ela me perguntou

—Nada não.

—Vem cá —e ela abriu os braços para eu abraçá-la. Quase não acreditei. Affe Gustavo, vocês são melhores amigos. Mas antes de qualquer coisa fui ao encontro dos braços dela. Queria me perder ali para sempre. Queria que ela sugasse toda minha vitalidade e eu dependesse dela para respirar, para viver. Mas ela já tinha feito aquilo. No momento em que me apaixonei por ela, ela se tornou a minha vida.

—I love you! —ela disse rindo e me dando vários beijos na bochecha. Eu pirei.

—Verdade? —perguntei fazendo cara de desconfiado.

—Claro, Gu!

—Você me deixa louco sabia?

—Uhum!

E ficamos abraçados ali, com ela beijando a minha bochecha toda hora. Ela é muito fofa. Só queria que ela fosse a minha fofa. Aquele era o melhor dia da minha vida.

## *Lena*

Se até agora eu achava que não o amava, estava enganada. Cada beijo era como um “choque”. Eu estava viciada. Não em bebidas ou drogas, muito menos em chocolate. Eu estava viciada nele.

Quando ia dar outro beijo na bochecha dele, ele se virou. E eu acabei dando um selinho nele.

## *Gustavo*

Essa foi simplesmente a melhor sensação do mundo. Podia até não ser “O” beijo. Mas com a Lena tudo ficava, como diz ela: perfeito!

## *Lena*

Odeio meu organismo. Odeio meu sistema nervoso. Por que eu saí assim que encostei os meus lábios nos dele? Aquela era a primeira vez que isso acontecia entre nós. Entre eu e qualquer outro garoto.

## *Gustavo*

Pena que a minha felicidade durou pouco. Muito pouco. Ela logo enterrou a cabeça no meu ombro.

—L.?

—Oi?

—Que foi?

—Desculpa

—Pelo que? —ela me encarou do tipo “tá de sacanagem, né?”-  
—L. fui eu que virei. E poxa, eu beijo tão mal assim? —falei rindo. Ela riu. Eu era a única pessoa que sempre sabia o que falar para ela. E continuamos ali, ela com a cabeça deitada no meu ombro e eu encostado na cabeça dela.



## Capítulo 6

*Lena*

Admito, eu estava estranha com ele. Eu estava muito estranha com o Gu. E ele percebeu, até porque, exalava estranheza do meu corpo.

—L., você não vai ficar estranha comigo, né?

—Não, Gu!

—É que você já tá estranha...

—Impressão sua!

—Não é, não.

—Aff! Por que você tem que me conhecer tão bem?

—Que tal porque nós somos melhores amigos desde sempre?

—Hum.

—Que foi?

—Você fala de “sempre” toda hora —fiz aspas com os dedos

—Sabe que eu não acredito nisso.

—O para sempre não precisa ser infinito. O para sempre é agora. As nossas vidas vão ter muitos para sempre. Apenas temos que ser felizes com cada sempre que ela nos proporciona. E o meu sempre com você é o melhor sempre que já tive.

Eu fiquei sem palavras, que fofo. Pirei, derreti, amei. Amo. Por que ele tem que mexer tanto comigo? Eu abracei ele e falei:

—O meu sempre com você também é o melhor que já tive, Gu.

Ele me abraçou mais forte. Mas para cortar o clima a avó dele chegou e falou:

—Estou atrapalhando alguma coisa? —Na verdade, eu gostaria que sim, mas infelizmente, não..

—Na —não vó.

—Hum. Vocês já arrumaram a cama para dormir?

—Ainda não, vó. A gente vai agora.

—Tá, qualquer coisa eu estou na cozinha preparando o jantar. Gosta de lasanha, Lena?

—Huum, amo!

Ela riu e saiu. Ela é tão fofa!

—Vamos? —o Gu me chamou segurando a minha mão.

—Uhum.

Então fomos para o quarto dele. Ele é grande, com as paredes cheias de pôsteres de bandas de rock que eu nunca ouvi falar. Estantes cheias de bonequinhos do Pokémon, do Super Mario, do Sonic e de outros que não reconheci. O pior de tudo: ele tinha um boneco do Chucky, do tamanho do boneco do filme. Só podia ser brincadeira. Não. Socorro.

## *Gustavo*

Eu estava pegando as colchas e os travesseiros enquanto a Lena olhava os meus bonecos. Do nada ela fez uma cara estranha. Ela tinha visto o Chucky.

—Gostou do meu boneco? Comprei ele semana passada. —disse rindo.



—Pô, claro! Nem estou pensando que ele vai piscar os olhos de noite, me estuprar e depois me mutilar. —gargalhei. Meu Deus. Que dramática.

—Calma, você não vai estar sozinha no quarto.

—Se fosse uma briga, tipo UFC entre você e ele, eu apostava milhões de dólares no Chucky.

—Valeu pelo elogio.

—De nada.



## Capítulo 7

### Gustavo

—Você vai dormir na cama ou no colchonete?

—Tanto faz —ela disse dando de ombros.

—Tá, eu fico no colchonete.

—Para quê isso, Gu?

—Para quê, o quê?

—A sua cama é de casal.

—E...?

—E que não tem necessidade de você dormir no colchonete, sabia que numa cama de casal cabem duas pessoas?

—O problema é a minha vó, mas depois que ela for para o quarto, se você quiser, eu subo aí.

—Tá, é que sei lá, esse boneco é meio diabólico —eu ri.



Já tínhamos acabado de jantar, minha vó foi tomar banho e ficámos na sala.

—L., é verdade que você tá apaixonada pelo Daniel?

—Daniel? O da nossa turma?

—É... sei lá, tão falando isso na sala.

—Não, claro que não.

—Mas ele tá por você.

—Sério?

—Ah, por favor L., você é a única que não percebeu.

—É sério, Gu?

—Claro. E tipo, como você não conseguiu perceber? Ele fica quase babando e acompanha você com o olhar. —ela sorriu, que raiva! —Ah, tá gostando do idiota do Daniel estar apaixonado por você?

—E eu achando que sou ciumenta...

—Não muda de assunto, Lena!

—Nossa, tá com ciúmes mesmo, hein? Você nunca me chama de “Lena”.

—Eu não estou com ciúmes!

—Calma Gu, tava brincando.

—Vai brincar com o Daniel .

—Posso? —fuzilei ela com o olhar. Ela estava me provocando! Odiava quando ela fazia isso.

—Lena faz o que você quiser da sua vida, mas por favor, né... não perceber que o Daniel tá afim de você, tava distraída com quem?

*Lena*

Há Gustavo, que tal com... você?!

—Reclama de mim não, tá?! Não sou eu que fico flirtando com certas pessoas..

—Oi?

—Ah vá, Gustavo! Tá escrito na testa da Fabi! Ela tá totalmente na sua.

—Cara, a gente tá falando da mesma pessoa? A Fabi? A garota mais popular de todo o nono ano? —ele disse sorrindo. Que raiva. Que vontade de gritar no ouvido dele até estourar seus tímpanos.

—Ah, ficou feliz? Vai lá então com a “garota mais linda e popular do nono ano”—disse, fazendo aspas com os dedos. —Aproveita e vai ajudar ela a escolher o sabor do gloss de amanhã.

—Bom, mais popular, não. Mas eu estou do lado da garota mais bonita da turma, do nono ano, da escola, da minha vida. —suspirei.

—Gu, eu acho que você tá meio sonâmbulo, tá na hora de você dormir. Olha, sua vó já saiu do banheiro, vou tomar banho, tá? —disse, já me levantando.

—Lena, espera. —ele segurou a minha mão.

—Oi?

—Eu não tô sonâmbulo.

— Então está sobre efeito de drogas ou de álcool, sério, você não tá bem —disse rindo, ele sorriu e soltou a minha mão.



Enquanto estava embaixo do chuveiro, com aquela água gelada percorrendo meu corpo, comecei a pensar. Fui invadida por pensamentos. Imaginei que talvez ele pudesse gostar de mim do mesmo jeito que gosto dele, ou um pouco menos intenso como o meu sentimento. Idiota. Claro que não. A garota mais linda que ele conhece. Claro, nunca viu a Nina Dobrev de perto. Isso ia mudar totalmente o conceito dele em relação a mim. Como não percebe que eu o amo? Que o ciúme que sinto por ele não é um ciúme qualquer de amigo? E por quê me tratar tão bem? Me iludir? Fazer com que eu ache que tem algo a mais quando

só há amizade? Explica isso Capricho! Nem as Leis de Swift onde fala como desapegar em quinhentos dias funcionariam. Não posso simplesmente tirar a foto do meu amor por ele, colocar na Olx e pronto! Já vou ter desapegado. Não é assim. Por que é tão difícil? Ele é o meu ar, sem ele fico sufocada. Com ele fico calada. Não tenho como expressar meus sentimentos.

*Gustavo*

Será que ela finalmente percebeu?

*Lena*

Saí do banho, coloquei o pijama, saí do banheiro, ele entrou e ninguém falou nada. Fui direto para o quarto dele, onde tinha uma mesa em que ficavam o computador, vários papéis em branco e muitos lápis, canetinhas e tintas de diversas cores. Ele amava desenhar natureza morta. E desenhava muito bem. Tinha uma pasta cheia de desenhos. Já até tentou me ensinar. Mas pelo jeito eu não tenho talento para isso. Apenas admiro de longe. Gosto mesmo é de escrever. Peguei uma caneta e uma das folhas em branco, olhei para ela e pareceu que minha mão estava simplesmente escrevendo sozinha.

“Eu só quero um garoto que me ame

Mas não existe amor

E assim eu espero

Na torre mais alta

No reino mais distante

O meu príncipe

Que me salvará desse mundo de tolos”

Assim que estava acabando de escrever a palavra “tolos”, o Gustavo entrou no quarto.

—Tá escrevendo?

—Sim —disse já corando. Ele era o príncipe. Bastava ele me amar e seríamos “felizes para sempre”.

—Huum. —ele sorriu, ai meus deuses, me segurei para não pular nos braços dele. Devia ser proibido por lei ser tão lindo assim. E era só o que me faltava: ele estava sem camisa. —Posso ler?

—Uhum —claro, idiota! Eu escrevi para você. Você tem que ser o príncipe, você que tem que me salvar desse mundo de tolos —Gostou?

—Ficou lindo, poeta! —ele disse rindo e vindo me abraçar, derreti.

—Awwn, obrigada Gu!

E me perdi naquele abraço.. por que ele tinha que ser tão lindo? Ele é um pouco mais alto que eu, os olhos castanhos claro, o cabelo preto (caindo nos olhos, ai meus deuses). Socorro. Eu estava —me afogando nele mas por favor, não me ajude, deixe —me morrer aqui mesmo.

## *Gustavo*

Por que ela tinha que ser tão linda? Ela é um pouco mais baixa do que eu, olhos pretos, os cabelos castanhos claro. Como queria ser aquele príncipe. Pena que não sou. Como queria receber o amor que ela daria a ele. Como queria ser o sempre eterno dela. Como queria ter uma parte maior no coração dela, não, queria ele todo. Iria entrar, trancar e engolir a chave. Nunca mais ia sair.

—Vamos deitar? —ela perguntou, devia estar morrendo de sono.

—Tá —e como se fosse uma coisa que sempre faço, fui com o braço em volta da cintura dela. A sensação foi de que ela era

minha. Não possessivamente do tipo: “Ninguém chega perto, ela é só minha”. Era mais como se eu realmente fosse algo além do melhor amigo dela. Tudo o que eu queria ser. Eu estava perdido naquela sensação, que nem percebi que fui direto para a cama e não para o colchonete. Sorte que minha vó já tinha dormido.

—Sua vó já dormiu?

—Provavelmente... L., posso te fazer uma pergunta?

—Claro

—Sabe quando o que você mais quer é falar para uma pessoa algo que pode mudar tudo, mas você tem medo de acabar com a amizade que tem com ela?

—Sei, eu sinto a mesma coisa... —então ela sentia isso por alguém. Como queria ser esse alguém.

—Ah, então a senhora Lena está apaixonada?

—Ah, então o senhor Gustavo está apaixonado?

—Odeio quando você me responde com outra pergunta —disse bufando.

—Eu sei —ela disse dando língua. Ah não, só podia ser brincadeira. Eu não ia aguentar.

—Ai L., eu não aguento mais, preciso falar com essa pessoa. O que você faria?

—Gu, eu estou do mesmo jeito que você. Também não aguento mais esconder isso desse garoto, mas eu realmente tenho medo, muito medo mesmo

—L., quem é esse garoto?

*Lena*

Sim Gu, eu queria falar agora mesmo que é você. Mas não consigo. Mas não posso.



—Ele é o garoto que me faz rir quando choro, que me faz correr quando ando, que me faz querer alguém como nunca quis ninguém

—Nossa, pelo jeito você tá realmente apaixonada.

—Pois é... eu amo ele desde que era pequena, está escrito em todos os meus diários. Mas e essa garota?

—Ela é a Lua entre as estrelas. O Sol é como o olhar dela, pode até mesmo cegar. Eu sou um nada, mas perto dela, viro um tudo. Ela é perfeita. Sinto muito por ela não ser a minha perfeita.

—Ai Gu... você devia tentar falar com ela. Pelo menos só um de nós ia ficar triste por amor.

—L., eu descobri que ela está apaixonada por outro.

—Vai que esse outro é você.

—Não, não sou. O que mais queria no mundo era ser ele, mas não sou.

Como eu queria ser a Lua entre as estrelas. O meu olhar ser como o Sol. Transformá —lo num tudo. Ser perfeita. Fui ao encontro dos braços dele.

—Gu, não fica assim, ok?

—Uhum —e ele me abraçou.

—Eu te amo.. você é o melhor amigo do mundo!

—Também te amo, L.

Perdi a conta de quanto tempo ficamos ali calados. Estava pensando em como eu queria que ele me amasse do jeito que eu o amo. Me desejasse do jeito que eu o desejo. Infelizmente, essas palavras não saiam da minha boca. Porquê ser tão tímida e insegura?

—Boa noite, L. —leve um susto quando ele disse isso.

—Boa noite, Gu. —ele chegou mais perto do meu rosto para me dar um beijo na bochecha e eu virei. Sim, eu virei. Meus

lábios tocaram nos dele. Mas foi só um selinho, pois eu rapidamente me afastei.

## *Gustavo*

De novo. A cada vez era mais perfeito. Por que ela tinha que se afastar tão rápido? O melhor de tudo: foi ela que virou, não eu. Será que eu tinha chance de ser o garoto que ela ama? Mas para não ficar um clima chato, eu a puxei para mais perto de mim e dei um abraço mais forte nela. Dava para escutar a respiração dela. Até que foi ficando mais leve, e quando fui ver, ela já estava dormindo. Dormi também, logo em seguida, com um sorriso no rosto.

## Capítulo 8

*Lena*

Quando acordei, percebi que estava de conchinha com o Gu. Ai meus deuses! Essa era a melhor noite da minha vida. Ele estava agarrado a mim. Fechei os olhos de novo, pois achava que era tudo um sonho. E, facilmente, voltei a dormir.

*Gustavo*

Sim, nós estávamos dormindo de conchinha. Ah, como eu queria que isso fosse toda noite. Não tenho palavras para descrever. Infelizmente, logo minha vó viria nos chamar para irmos tomar café. Então tinha que acordá-la, já pensou se minha vó chega e nos vê ali daquele jeito?

—L.? —balancei ela de leve —L.? —ela abriu os olhos.

—Hum?

—A gente tem que acordar, se minha vó aparecer aqui no quarto e ver a gente assim, eu tô frito!

—Eu tô sonhando? — ela sorriu.

—Não —eu ri.

—Fica só mais um pouquinho. —ela fez cara de cachorro sem dono.

—Tá bom, mas só mais um pouco.

Passaram —se mais ou menos quinze minutos. E em toda essa pequena eternidade ficamos calados. Só ali, abraçados, juntos. E eu tive que falar:

—L., a gente tem que levantar.

—Tá. —ela disse se levantando. Me levantei logo em seguida. Incrível: ela conseguia ser linda até quando está descabelada.

—Posso te fazer uma pergunta?

—Claro, Gu

—Aquele poema que você escreveu ontem.. foi a primeira vez que escrevia algo assim?

—Uhum.

—E, quem é aquele príncipe?

—Quem eu queria que fosse, né...

—Uhum.

—É o mesmo que eu te falei. O garoto por quem estou apaixonada.

—Hum... —confesso que morri de ciúmes!

Ela foi até a mochila dela que estava na cadeira em frente à mesa para pegar a roupa e se trocar no banheiro. Peguei uma blusa cinza no armário e coloquei-a.

## *Lena*

Dilma, que tal proibir por lei uma pessoa colocar uma blusa na sua frente? Cara, ele é muito lindo! E, por que tinha que colocar a blusa? Estava tão bom sem ela.

—Existe banheiro, sabia? —perguntei, rindo.

—Nada que você nunca tenha visto —ele sorriu

—Bom, se você não sabe o que é um banheiro, eu sei. Vou lá trocar a roupa.

—Ok

—Ok nada, eu hein... você sabe o que significa ok e não vou gastá—lo com você. —respondi rindo, me referindo a um dos meus romances prediletos e fechei a porta.



Depois que tomamos café da manhã, ficamos no quarto dele escutando música. Enquanto tocava Castle Of Glass (Linkin Park), eu lembrei:

—Gu, que horas eu vou pra casa? Esqueceu que amanhã é segunda? Tem dever de casa de matemática!

—Calma L., aquele dever é fácil! Que horas você quer ir?

—Sei lá...

—De tarde?

—Pode ser...

—Depois do almoço?

—Uhum.

—Odeio quando você fala “uhum”.

—Uhum —eu disse com um sorriso sarcástico.

—Qual é a sua música preferida de Linkin? —ele mudou de assunto.

—Sei lá... Castle Of Glass ou Bleed It Out, e você?

—In The End.

—In The End é perfeito!

—Pois é. —ele concordou.

—Gu, me empresta uma folha?

—Tá, ali na mesa.

—Brigadinha.

—De nadinha. —ele disse imitando a minha voz, eu ri.

Então escrevi:

*“Ele é meu amado*

*Mas nada passa de amizade*

*Queria tanto ele como namorado*

*Estou sofrendo, isso é maldade”*

—Tá escrevendo?

—Já escrevi.

—Posso ler?

—Uhum. —e ele veio por trás de mim, se apoiando numa das mãos que estava sobre a mesa para ler, enquanto apoiava a outra no meu ombro.

—Ficou lindo, L.!

—Diz isso só porque é meu amigo..

—Não, realmente ficou lindo. E eu não sou só seu amigo —mas também o meu namorado, quem me dera. —Sou seu melhor amigo, a não ser que você tenha me trocado pelo Daniel, né?! —ele fez cara de sério.

—Tá com ciúmes? Que fofinho!!! —apertei a bochecha dele.

—Tenho motivos?

—Então... —provoquei.

—Ah, ta! Desculpa então, ele que é o seu “amado”, né? —ele fez aspas com os dedos quando falou amado.

—Não, por favor, né Gu! Logo o Daniel?

—Sei lá, vai que...

—Vai que nada! E eu sei muito bem que a sua “Lua” é a idiota da Fabiana!

—Você está com ciúmes? Ciumenta! —ele fez cócegas na minha barriga.

—Não Gustavo, não estou com ciúmes. Caramba, me deixa!

—Calma nervosinha!

—Nervosinha, é...

—Ei, você não tem motivos pra ter ciúmes de mim, tá bom?

—Uhum. Até parece, Gustavo! Fabiana, Rosa, Letícia, Rafaela, todas essas... —suspirei. —Gostam de você.

—Nossa! Tô podendo, hein! Agora pode ter ciúmes. —ele riu.

—Gustavo vai se ferrar!

—Tá, mas me ajuda a escolher com quem: com a Fabi, com a Rô, com a Lê ou com a Rafa?

—Ah, então já tem apelidinho? E, Gustavo, vai decidir sua vida sozinho que eu tenho mais o que fazer —ele gargalhou.

—Ciumenta! Ciumenta! Ciumenta! —ele cantou.

—Vai-te catar! Vai-te catar! Vai-te catar! —eu disse cantando do mesmo jeito que ele.

—Calma aí, nervosinha ciumenta! Qual é o seu nome mesmo? Ah é: Lena Ciumenta Nervosa Dantas.

—Idiota!

—Crianças, o almoço está pronto, venham! —a avó dele apareceu na porta, nos chamando.





## Capítulo 9

### Gustavo

Tínhamos acabado de almoçar. A Lena estava arrumando as coisas dela para eu levá-la em casa. Eu fiquei esperando ela enquanto desenhava. Estava desenhando um filtro dos sonhos. O desenho era para ela, mas ela não sabia. Aliás, ela não sabia nem o que eu estava desenhando.

—L.?

—Oi?

—Já está acabando de arrumar?

—Uhum. Tá fazendo o quê, Gu?

—Nada não... Só um desenho.

—Que desenho?

—Um desenho para alguma das minhas queridas... —ela me interrompeu dizendo:

—Pô, legal! Agora volta para a bosta do seu desenho que você vai dar para as suas quatro namoradinhas.

—Eu não ia falar namorada.

—Mas quis falar.

—Então... —ela bufou e eu ri.

—Quer saber, Gu? Odeio quando tentam me colocar ciúmes, ou seja, se você continuar, vai ver só! Eu não gosto mesmo, entendeu?

—Calma Lena, eu tava só brincando!

—Eu sei, mas não gosto.

—Eu também não gosto quando você faz isso de ficar me provocando. Você sabe que, sim, eu sinto ciúmes de você com aqueles idiotas. Você não é só uma amiga qualquer.

E ficamos ali calados. Ela terminou de arrumar a mochila e ficou sentada na cama esperando eu acabar de colorir o desenho. Ficou muito legal. Então fui até ao meu armário e de lá tirei um quadro. Tirei ele da caixa e levei até à mesa. Tirei a foto de algumas frutas que Estavam ali e coloquei o filtro. Virei o quadro e no verso dele, ia escrever: “Para a minha Lua”, mas temi que ela perceberia que era ela que eu amava, então não escrevi nada. Peguei no quadro e fui até ela.

## *Lena*

Ele estava vindo até mim com um quadro na mão. Sentou —se do meu lado e disse:

—Para a minha ciumenta preferida. Assim você não vai mais ter pesadelos. —quando vi, era um quadro simples, a moldura branca e nele tinha um desenho de um filtro dos sonhos.

—Gu, é lindo! Eu amei! Amei mesmo! Obrigada! Muito obrigada! —agradeci, abraçando —o.

—De nada, L. —ele sorriu.

—Te amo, te amo, te amo!

—Também te amo! —ele disse me dando um beijo na bochecha. Queria que o beijo não fosse na bochecha; queria que ele me amasse como eu o amo; queria ser mais que amiga dele, mas não uma super amiga, e sim a namorada dele. Não. Mais que isso: queria ser a Lua dele.

—Vamos? —disse soltando—o delicadamente. E fui até a minha mochila guardar o quadro lá, com muitíssimo cuidado, claro. Coloquei no meu ombro direito e fui até ele.

—Claro. —ele concordou, tirando a mochila do meu ombro e colocando no dele.

Fomos até a sala e me despedi da avó dele. Ele abriu a porta, saímos, e logo depois de fechá —la, pegou minha mão e entrelaçou meus dedos nos dele. Fomos andando na rua de mãos dadas. Como era perfeita aquela sensação. A mão dele ali na minha. Eu ia pular no colo daquele garoto. E, por favor, não me segurem!

—Gu, sabe aquele garoto que te falei?

—O que tem?

—Ele já me disse eu te amo algumas vezes. Você acha que ele disse só por falar, que é porque eu sou amiga dele ou porque ele me ama de verdade?

—Não sei! A garota que eu te falei também já disse que me ama algumas vezes, mas acho que é só porque sou amigo dela.

—É tão óbvio que eu amo esse garoto! Só ele não percebe

—Ele deve ou te amar, ou amar alguém. Amor cega.

—Tipo eu, que não percebi que o Daniel gostava de mim.

—Pois é, nem eu percebi que a Fabi gostava de mim.

—Por que todas as nossas conversas acabam envolvendo eles?

—Sei lá..

—Posso te fazer uma pergunta?

—Pode

—Você acha a Fabiana isso tudo?

—Isso tudo? Como assim?

—Tipo linda, perfeita, popular e etc com glitter.

—Etc com glitter? —ele riu. —Não. Sei lá. Eu não tenho olhos para outras garotas que não sejam a minha Lua. —maldita Lua. Isso foi praticamente um: “Desiste Lena, ele não te ama, ele só ama aquela idiota”.

—Essa Lua. —murmurei, irritada. —Eu conheço ela?

—Conhece mais que qualquer um.

—Por favor, me diz quem é ela.

—Desculpa mesmo, L., é que eu não consigo... —ele fez uma cara triste.

—Não tem problema, Gu. Eu vou me contentar com o nome “Lua”, mesmo. Não fica assim! —eu apertei de leve a mão dele. Ele sorriu de lado.

—Ali, chegámos! —ele disse enquanto tirava a mochila do ombro e me dava.

—Tchau! Até amanhã, na escola.

—Tchau —ele sorriu e me beijou... na bochecha. Conti a minha vontade de virar o rosto.



—Oi, mãe!

—Oi filha! E aí? Como foi?

—Foi legal! Mas eu morri de medo do filme! Acredita que o Gu tem um boneco daquele assassino? Quase que eu não ressuscito quando vi!

—E você conseguiu dormir no mesmo quarto que o Chucky? Ou você tava preocupada com outra pessoa?

—Que outra pessoa mãe? —me fiz de desentendida.

—Ué, o meu genro.

—Que genro mãe? Eu hein! —ela riu.

—Tá, mas me conta tudo!

Ficamos horas na sala conversando, para que eu lhe contasse tudo. Tipo, tudo mesmo. Do filme, dos beijos, do desenho, dos ciúmes e da noite. Minha mãe escutou tudo calada, quando eu terminei de contar, ela disse:

—Eu sabia que vocês se amavam! Olha, com ele eu deixo você namorar!

—Ai mãe, você não entendeu? Ele ama essa tal de Lua! —suspirei. —E seja mais mãe, por favor! Você fala como se eu fosse a personagem principal do seu livro preferido.

—Fica quieta! Ele te disse quem é ela?

—Não, eu perguntei várias vezes e ele falou que queria me falar, mas não podia.

—Ai filha, você é tão bobinha... não percebeu ainda? A tal Lua é você! Por isso ele não pode te contar, tem medo de acabar com a amizade de vocês porque acha que você não corresponde. E, na verdade, você fica o dia inteiro esperando ele te chamar por mensagem ou te ligar. Eu vejo você suspirando quando desliga o telefone.

—Ah, manhê! Claro que não, né?! Quem dera ser a Lua dele! Ele fala dela de um jeito. Eu não tenho ciúmes dela, não. Tenho inveja mesmo. Como queria ser ela...

—Ser você mesma? Ah, é fácil!

—Affe, mãe! Eu queria que você tivesse certa, mas infelizmente, não está. Vou ligar para a Bia e contar tudinho, ela vai pirar!

—Anda logo! E vê se não fica muito tempo no telefone porque amanhã tem aula.

## Gustavo

—Oi vó! —eu dei um beijo na bochecha dela, assim que cheguei. Já estava dando Sílvio Santos no SBT.

—Oi! —ela sorriu. —O que aconteceu, Gustavo?

—Há?

—Esses dias você está estranho mas desde ontem, quando a Lena chegou, você está tão feliz. Tá apaixonado por ela, né?! —ela disse sorrindo mais ainda. Corei —Huum, tá mesmo! Ficou vermelhinho que nem tomate! Ai que bom! Ela é uma menina adorável! —eu sei vó, eu sei. —Dá para perceber de longe que os dois estão apaixonados um pelo outro!

—Só que não, né vó! Ela me disse que está apaixonada por um garoto aí, mas tem medo de contar para ele e estragar a amizade.

—Ai bobinho! Ela te falou quem é?

—Não, ela disse que não podia.

—Claro, ela acha que você não corresponde.

—Quem me dera que fosse eu, vó...

—Claro que é! Ou você acha que ela dormiria agarradinha com você, se não fosse? —realmente não tinha outro jeito para me descrever: eu estava vermelho como um tomate. Não, acho que estava mais. Tipo, os tomates teriam inveja da minha cor.

—Como assim, vó?

—Ah, Gustavo! Eu não sou cega, surda, nem muda. Achava que eu não tinha visto? Está na cara que vocês se amam! Só não admitem um para o outro.

—Quem me dera vó, quem me dera... —eu saí da sala e fui para o quarto arrumar a mochila para o dia seguinte.

## Lena

—EU SABIA! EU SABIA! —a Bia berrou do outro lado da linha.

—Ô maluca, quer estourar meus tímpanos? E você sabia o quê?

—Ai sua idiota! Tá na cara!

—O que tá na cara, Beatriz?

—Lili, minha querida, presta atenção: o Gu tá totalmente na sua!

—Affe! Você está parecendo a minha mãe.

—E ela tem razão, viu?!

—Quem me dera, Bia.

—Ai amiga, a questão é: você dormiu de conchinha e perdeu o seu eterno BV no mesmo dia!

—Eu não perdi, tipo perder mesmo o BV. Mal foi um selinho.... Mas foi tão bom. E nem me fala. Cara, ele estava sem camisa! —suspirei.

—Olha, eu já vi ele sem camisa naquela dia que nós três fomos à praia, e OH MY GOD! É perfeito! Aquele tanquinho... —interrompi ela, dizendo:

—Olha aqui hein Bia! Ele é meu... pelo menos eu queria que fosse.

—Calma, Lili! Mas nem parece que ele é um nerd sedentário na vida!

—Ai Bia, imagina só: você acordar agarradinha com ele? Agora “desimagina” porque ele é só meu. Ai meus deuses! Eu até voltei a dormir! Vai que ele acorda e me vê acordada?

—Cara, deixa de ser burra! Ele te ama. Ou você acha que ele não acordou e voltou a dormir que nem você?

—Ah não... ele está apaixonado por outra garota.

—Essa garota é você, Lili!

—Quem me dera...

—Aff, Lena! Isso podia virar uma novela mexicana. Você falando “Oh, ele não me ama” —e ela fez uma voz ridiculamente fina. —e ele “Oh, ela não me ama” —e fez uma voz pior ainda, mas grossa. Ri muito, ela também.

—Ai meus deuses! Tchau Bia, amanhã temos que acordar cedo e eu ainda não fiz o dever de matemática.

—Sei muito bem que você ama ir para a escola só por causa dele!

—Claro, né?! Mas não tem comparação: ficar com ele de conchinha é bem melhor!

—Sonhe com os anjos, Lili. Não, espera. Sonhe com o Gu.

—Boa noite, criatura. —e ela desligou.

Fui até a minha mochila e peguei o quadro, que pendurei na parede da minha cama. Ficou lindo! As penas azuis marinhas combinaram com a parede laranja claro.

Por incrível que pareça, assim que acabei o dever já eram nove horas da noite. Fui tomar banho, coloquei o pijama e liguei a TV. Fiquei vendo um desenho que nem sabia que existia, na Disney. Até que comecei a ficar com sono e a desliguei.

Desejei estar na cama dele. Queria que aquele ursinho que eu estava abraçando, fosse ele. Cadê a mão dele que não estava entrelaçada com a minha? Cadê a boca dele que não estava na minha?



## Capítulo 10

### Lena

Eu já tinha chegado na escola e estava esperando no lugar de sempre a Bia e o Gu. O Gu sempre se atrasava mesmo, mas a Bia não. Fiquei ali checando meu Facebook para ver se tinha alguma coisa interessante: nada. No Twitter não tinha nada de interessante.

Se passaram dez minutos. Já eram 06:55 e a gente entrava dali a cinco minutos. E, do nada, enquanto estou escutando Só Rezo do Nx Zero no fone de ouvido, sinto uma mão nos meus olhos e a pessoa fala “Adivinha”. Com dificuldade, tirei as mãos dos meus olhos e virei.

—Oi Gu! Oi Bia!

—Ah então agora o Gustavo é preferencial? —a Bia falou dramaticamente.

—Sim, sou. —o Gu riu.

—Ok, então vou ficar ali com a Fabi. Que, aliás, está olhando para cá. Será que ela escutou eu falar o nome dela?

—Sei lá. —eu olhei para o Gustavo, ambos estávamos desconfortáveis.

—Que foi, gente? Boiei!

—É que a Fabi gosta do Gu e a gente está com ele. Você nunca percebeu? —eu perguntei.

—Ah, tá! Olha, na moral, eu nunca reparo nessas coisas! O único casal que eu fico olhando são vocês dois! E, aliás, já assumiram?

—Assumir o quê? —eu e o Gu perguntámos em coro.

—Ai que fofo! Vocês falam até juntinhos!

—Assumir o quê Bia? —Perguntámos juntos de novo.

—Affe! Odeio gente idiota! Mas abro uma exceção para vocês. —ela sorriu, como se fosse uma ótima pessoa por isso.

—Ei! —falámos novamente em coro.

—Ai, povo! Assumam o relacionamento! Olha, vocês já até ficaram e dormiram de conchinha... —tomate era uma expressão que não se aplicava a mim, muito menos ao Gu. A gente tava tipo sangue claro. SOS!

—Há?

—Ixi! Depois a gente conversa, pessoas! O sinal tocou.

—Vamos. —eu chamei, olhando para baixo.

## *Gustavo*

—L.?

—Oi?

—Vem cá, por favor? —chamei ela enquanto a Bia estava na fila da cantina. Fomos até um canto onde tinha uma árvore. Ali era bem escondido, ninguém ia para lá. Só nós três.

—Fala.

—Você contou tudo para a Bia?

—Ela é a minha... tudo o quê?

—Tipo tudo.

—Que tudo?

—Tipo da gente.

—Que tudo da gente? —Por que ela tinha que dificultar tanto as coisas?

—Tudo tipo... —eu olhei para o lado. —A gente ter dormido agarrados, dos beijos, e tal.

—Não podia falar?

—Sei lá! Só tenho medo que ela saia falando por aí..

—É, vai que a sua Lua escuta... O que será que ela ia pensar de você?

—L., não foi isso que eu quis dizer. —eu disse segurando a mão dela, que se afastou rapidamente.

—Foi sim.

—L., espera.

—Vou fazer companhia para a Bia, pelo menos ela não tem vergonha de mim.

—L.

—Tchau.

Por que ela tinha que ser tão dramática? Será que era tão difícil ela simplesmente entender que eu sou tão tímido quanto ela?

## *Lena*

—Deixa de ser dramática, Lili!

—Não estou sendo dramática!

—Tá sim! E só uma pergunta: quando ele explicou o que era o tudo, ele olhou para onde?

—Para o lado.

—Huuuuuum...

—Hum o quê, Beatriz?

—Cara, sente só...

—O quê?

—O amor no ar! Ele tá muito apaixonado mesmo por você.

—Só que não.

—Só que desde sempre, né Lena! Saca só: ele não olhou nos seus olhos quando explicou o que era o tal tudo porque aí você ia descobrir que ele te ama. Os olhos são os espelhos da alma! Minha vó sempre diz isso.

—Não viaja!

—Não tô viajando. Agora você vai lá e fala com ele. Pede desculpas que você é muito dramática e tal.

—Ok, mas só porque eu estou de bom humor hoje.

—Because we are happy! — ela cantou rindo e trocando o “I am” por “we are”.

## *Gustavo*

—Gu? —a L. chamou, enquanto se sentava do meu lado.

—Oi? —eu respondi olhando para o chão. Ela era a única pessoa que conseguia me fazer sentir mil coisas ao mesmo tempo.

—Desculpa. Eu sou muito ciumenta às vezes. É que você fala tanto da Lua... sei lá. Nós dois sabemos que a Bia é fofoqueira. Você estava com medo de cair nos ouvidos da Lua?

—Não, L. —suspirei —eu não tava com medo de cair nos ouvidos dela.

—Ah, desculpa! —ela pegou a minha mão e a segurou com força. Sua idiota, você é a Lua.

—Não foi nada. —eu disse chegando para mais perto dela. Ela deitou a cabeça no meu ombro e eu deitei a minha sobre a dela. Ficámos um tempo assim, calados, com ela brincando com a palma da minha mão. Mas tudo que é bom dura pouco:

—E aí meu casal preferido? —a Bia provocou.

—Oi. —a L. não pareceu se importar.

—Oi —disse logo depois dela.

—Já se resolveram? —a Bia perguntou me fitando com o olhar.

—Hã? —dissemos em coro.

—É. Ai gente, na moral, daqui a pouco até eu vou ficar cansada de esperar vocês assumirem, né? É tão obvio que vocês são apaixonados um pelo outro desde crianças.

—Bia, não somos, não! —a L. protestou —O Gu é apaixonado por outra garota: a Lua.

—Quem é Lua, senhor Gustavo? —a Bia me perguntou.

—Hã? — perguntei.

—É uma garota aí que roubou o coração dele. Ele tá tipo super na dela, sabe?

—Mas o nome dela é Lua? —a Bia se fez de desentendida, mas é claro que isso era tudo cena, já que eu tinha contado tudo a ela.

—Não. Ele não quis me falar quem é. Ele chama ela de Lua porque me disse que ela é a Lua entre as estrelas.

—Awwn! Que meigo, Gu! Mas já pode falar que a Lili é a sua Lua.

—Oi? —perguntei. Nem estava prestando atenção naquela conversa. Estava mais afim de ficar ali de mãos dadas com a L., já que ela já tinha tirado a cabeça de cima do meu ombro. Pelo menos não largou a minha mão.

—Affe, Bia! Não tem nada disso.

—Tá, tá. Enfim, Gu, você tá aí?

—Oi? Aham.

—Aham o quê? —a Bia insistiu em perguntar.

—Claro. —do que ela tava falando? A mão da L. era tão macia...

—Claro o quê? —affe Bia! Me deixa em paz com a L.

—Oi? —perguntei, despertando daquela ótima sensação.

—Planeta terra chamando. —a L. brincou.

—Lili, vem cá comigo no banheiro. —a Bia chamou ela.

—Para quê?

—Vem! —ela disse já puxando a L., droga!

## *Lena*

Quando a gente chegou no banheiro, que não era muito longe de onde estávamos, a Bia olhou por baixo das cinco cabines para ver se tinha alguém. O banheiro estava vazio.

—Que foi, Bia?

—Amore, presta atenção: Você ama o Gu, não é mesmo?

—Claro! Ele foi o primeiro e único garoto que eu amei na minha vida!

—Então, Lili: só você não percebe que ele te ama do mesmo jeito.

—Quem me dera, Bia!

—Lili, cansei de te ver triste porque ele te falou que tá apaixonado! Presta atenção: ele está apaixonado sim, e pela Lua. Mas vou —te contar um segredo: a Lua é você!

—Não sou não, Bia! —eu disse com as lágrimas caindo dos meus olhos.

—Lili, por favor, né! Ele dormiu de conchinha com você! Isso é coisa de amigo? Ele nem tava prestando atenção agora no que a gente tava falando, sabe para onde ele tava olhando? Para a mão

de vocês dois, com você brincando com a mão dele. E ele tava com uma cara de bobão apaixonado, sabe?

—É sério? —perguntei meio desconfiada.

—Claro, Lili! Até a sua mãe já percebeu que ele te ama. Vocês dois ficam tão fofos juntos, de mãos dadas. —ela suspirou. Limpei as lágrimas e ri.

—Mas, se ele me ama, por que não me fala?

—Pelo mesmo motivo que você não fala para ele.

—Ai meus deuses! Eu falei pra ele que tô apaixonada por um garoto. Agora mesmo ele não fala nada. Ele deve achar que o garoto é qualquer um menos ele.

—Calma, a gente resolve isso. Agora vamos lá e tenta reparar na expressão dele quando ele está com você.

—Ok.

E fomos andando. Será que ele gosta mesmo de mim? Olhando por esse lado, que a Bia falou, pode até ser. Se ele quisesse, no domingo, teria simplesmente chegado para o lado ou qualquer coisa do tipo. Ai meus deuses! Socorro! Vou fazer de tudo para reparar se ele me ama mesmo ou não!

Assim que estávamos chegando, percebi que ele estava olhando para baixo. O que será que estava pensando? Será que ele também achava que eu o amava? Se ele soubesse, por que não falava nada?

Fizemos um caminho mais longo, para ele não nos ver. Ao chegarmos, por trás dele, coloquei a mão nos seus olhos.

—Quem é? —ele perguntou passando as mãos nas minhas. —Huum, L.?

—Aham! —falei tirando as mãos dos olhos dele.

—Nossa, vocês morreram dentro do banheiro? —ele perguntou rindo. Nós rimos também.

—Povo, vou lá falar com a Fabi. Ela tá com uma cara de poucos amigos e tá olhando pra cá, o que será? —a Bia disse já se levantando. Quando ela saiu, virei para o Gu e falei:

—Será que ela tá com ciúmes?

—Provavelmente.

—Então vamos deixá —la com mais ainda. —cheguei para mais perto dele, estávamos tão grudados, que se eu chegasse mais um pouco para o lado, acabaria sentando no colo dele. Peguei um dos fones que estavam no ouvido dele e coloquei no meu. Deitei minha cabeça no ombro dele.

—Você podia ficar assim para sempre. —ele disse, olhei para ele e sorri, levantei a cabeça do ombro dele, dei-lhe um beijo na bochecha e voltei a deitar em seu ombro.

## *Gustavo*

As palavras simplesmente saíram da minha boca. Mas não me arrependi. Ganhei um beijo. Ok, foi na bochecha, mas com a Lena, qualquer coisa era perfeita.

—Gu, como que dá pra perceber que um garoto tá afim de você?

—Por que você quer saber?

—Porque eu desconfio, quer dizer, todo mundo desconfia, de que esse garoto esteja afim de mim. —ela só podia estar falando de mim.

—Ah, sei lá. Ele olha pra você toda hora; ele não fica irritado com você, porque é impossível; ele elogia tudo o que você faz, não por ser puxa—saco mas porque ele ama tudo em você; ele fica um bobo quando está com você; se você tocar nele, ele vai ficar com uma cara de idiota apaixonado; ele vai falar “eu te amo” para você, e você vai achar que ele te ama como amiga, mas não... sei lá, L.



—É que tipo, eu tenho um amigo que é meio que assim. Mas ele acha que eu não gosto dele, só que eu amo ele. —é, ela não tava falando de mim. —O que você acha que eu tenho que fazer?

—Eu acho que você deve contar para ele. Pelo menos um de nós dois vai ficar mais aliviado.

—Por que você não fala com a Lua?

—Todo mundo diz que formamos um casal perfeito e tal. Mas ela ama outro, sabe? Ela mesmo já me falou. E esse outro não sou eu. É muito óbvio. Dá raiva das pessoas zoando a gente, falando que somos um lindo casal, pois isso só me ilude mais.

—Ai Gu, mesmo assim, fala pra ela!

—Não quero acabar com a nossa amizade...

—Gu, o não você já tem.

—A questão não é essa. Sei que se eu contar para ela e se ela não corresponder esse sentimento, ela vai se afastar de mim. Sempre vejo ela fazendo isso, apesar de falar para ela que não é assim e tal...

—Ai, Gu.

—Ai, L.

—Ei, olha ali a cara da Fabi! —ela riu.

—Como a minha vó diz: mas eu tô podendo, hein! —rimos e ela me bateu no braço em que estava deitada.

—Ai! —reclamei, fingindo que tinha sentido dor.

—Bem feito! — ela retrucou.

—Marrenta? A Lena? Nem um pouco! —debochei.

—Vai—te catar, Gustavo! —eu ri ainda mais.

—Marrenta estressada.

—Idiota! —e ficamos ali rindo. Até que o sinal tocou, era aula de Matemática. Levantei e puxei a Lena pela mão para ela levantar. Ela entrelaçou seus dedos nos meus.

—Isso é só implicância com a Fabi, mesmo? —perguntei desconfiado.

—O quê? —levantei as nossas mãos —Não, porquê?

—É que você gosta tanto de deixar ela com ciúmes da gente... aposto que você falou pra ela que a gente dormiu na mesma cama e tal. —as palavras simplesmente saíram da minha boca.

—Não... Mas é uma boa ideia. —ela sorriu, me fazendo sorrir também.

## Capítulo 11

### Lena

Na nossa sala haviam cinco fileiras. Eu me sentava na primeira (a que era encostada na parede), a Bia do meu lado e o Gu na terceira fileira com mais ou menos quatro carteiras atrás de mim. Era aula de matemática, ou seja, um saco! Aquele professor me odiava, odiava o mundo inteiro, menos a Fabi (melhor da turma em matemática). Estava quase dormindo quando senti alguém me cutucar.

—Lili?

—Que foi Bia? —disse me virando para ela.

—Lili, o Gu está te olhando desde que a gente voltou do recreio, na verdade, desde que a gente chegou na sala. Tipo, sem desviar o olhar sabe?!

—Só que não!

—Dá uma olhada. —eu virei para trás e ele estava me olhando. Sorri e ele sorriu de volta. Virei para frente. Antes que o idiota do professor falasse “Podem deixar o namoro para depois, Lena e Gustavo?”. Fiquei sorrindo pelo resto do dia.

A aula já estava acabando. Depois dela, seria o último tempo, que é vago. Então, seríamos libertados daquela prisão que chamavam de escola e que eu amava pelo simples motivo que era através dela que eu via o Gu todos os dias.

Eu realmente tentei prestar atenção nas explicações do Joel (o professor de matemática). O problema é que ele só falava em fórmulas, letras, números, alguma coisa elevada a outra e coisas do tipo. Talvez japonês seria mais fácil de se aprender. Então resolvi escrever. Sabe aquelas últimas folhas dos cadernos que são onde tem tudo menos matéria? Então, lá mesmo.

“Eu quero um simples sim  
Você só me proporciona um talvez  
Às vezes parece que é  
Às vezes parece apenas um sonho  
Você me faz única  
Você me transforma  
Por favor, responda a uma simples questão:  
Por que me deixas só, presa numa bela ilusão?”

“Você me torna muda  
Mexe e remexe meu coração  
Sem você estou perdida  
Pare de me deixar sem ação!”

Me perdi entre as palavras, até que ouvi uma voz me chamando:  
—Lena! O que está fazendo que é mais importante que prestar atenção na matéria?

—Na-nada.—gaguejei.

—Deixe-me ver. —ele pegou o caderno da minha mão.  
—Hum, acho que gostaria de compartilhar esses versos com a turma, não é mesmo?

—Por favor, Joel!

—Então vamos lá —e ele começou a ler os versos de ambos os poemas que eu havia escrito. Todos olharam para mim como se eu fosse uma girafa no zoológico. Eu estava brava, podia xingar aquele idiota ali mesmo. Estava muito triste, prestes a chorar. Ele devolveu o caderno a minha mesa e o sinal tocou. Finalmente. Joguei tudo de qualquer maneira na mochila e fui até o banheiro o mais rápido possível. Que tipo de monstro era aquele? Assim que fechei a porta do banheiro e fui até a pia e lavei o meu rosto, escutei a porta batendo.

—Lili?

—Oi?

—Como você está?

—Como você acha? Cara pra vocês pode parecer idiotice, mas ele sei lá... ele leu os meus versos. Os únicos que já leram foram você, o Gu e a minha mãe. A sala inteira leu agora! E ficaram rindo de mim! Bia, me fala que é só um pesadelo, por favor!

—Calma Lili, calma! Presta atenção: amanhã temos que entregar um trabalho de Artes. É em dupla. Liga para a sua mãe e pergunta se você pode ir a pé comigo, você vai lá para casa, a gente faz o trabalho, fica conversando, etc.

—Tá.

—Lili, vamos lá pra fora! O Gu tá preocupado com você. Se eu não o impedisse ele iria entrar aqui no banheiro feminino!

—Sério? —eu perguntei sorrindo enquanto secava o rosto.

—Uhum, vem! —ela disse me puxando. Nós saímos do banheiro e o Gu estava sentado numa escada perto da porta nos esperando. Que fofo!

—L.! Como você tá? —alguém me segura antes que eu pule no colo dele, por favor!

—É, né... sou só alguém que foi exposta para a sala, e que todo mundo vai ficar olhando como se eu fosse um animal do zoológico!

—Calma, L. —ele veio até mim, me abraçando.

—Vou esperar vocês lá no portão. —a Bia saiu andando.

—E, nossa! A cada vez eles melhoram! —o Gu tentou me animar.

—Obrigada, Gugu! —fazia tempo que eu não o chamava assim. Ele sorriu.

—De nada, Leninha! —ele me chamava assim quando éramos crianças. Eu o encarei com os olhos semicerrados e nós rimos.

—Vamos! A Bia vai nos matar! —eu corri até o portão de mãos dadas com ele.

—Ei, devagar! —ele disse tentando respirar. Chegámos até ela. Enquanto ele tentava recuperar o oxigênio, eu ria.

—É, tô sabendo que a Lili te deixa sem fôlego. —nós rimos. Idiota. Ai se eu deixasse... quem dera!

—Idiota! —dissemos em coro.

—Já disse que vocês são o meu casal preferido?

—Não somos um casal. —dissemos em coro novamente.

—Até quando? —eu a encarei. —Tá, tá. Gu, você vai a pé?

—Vou, porquê?

—Então vai com a gente. —eu pedi.

—Você vai pra casa dela? —ele perguntou para mim.

—Uhum. —respondi.

—Então vamos logo, povo! —ela disse me puxando, que puxei o Gu e fomos correndo na rua, exatamente nessa posição: Gu, eu e a Bia. Chegamos até a metade da rua sem fôlego. A escola era perto das nossas casas, mas nem tanto. O trajeto demorava vinte minutos.

—Vamos jogar verdade ou desafio? —a Bia perguntou, sempre com aquelas ideias malucas.

—Como, criatura? Não dá pra girar garrafa ou chinelo.

—A gente não precisa girar. Um de cada vez. Começa com você, Lili! Escolhe eu ou o Gu para perguntar.

—Bia, verdade ou desafio?

—Verdade!

—O que você acha do Daniel, o da nossa sala? —ela me olhou como se não entendesse. Aí se tocou. Era para fazer ciúmes no Gu.

—Sério isso? —ele perguntou revirando os olhos.

—Então, na moral, ele é um gatinho! Pena que você é a dona dele... —eu ri. O Gu já tinha soltado a minha mão. Eu a peguei de volta.

—Não sou dona dele. Não é ele que eu amo! Você sabe de quem é, Bia.

—Ah então ela pode saber e eu não? —o Gu perguntou, brincando.

—Querido, eu sou a primeira! —a Bia disse rindo.

—Ah coitada... —impliquei.

—É a minha vez! Gustavo, verdade ou desafio? —disse a Bia.

—Verdade. — ele respondeu.

—É verdade que a sua Lua é da nossa turma?

—Uhum. —ele disse olhando para o chão.

—Eu sabia! —A Bia implicou.

—Minha vez: L., verdade ou desafio?

—Desafio. —vai que ele pergunta quem é o meu príncipe?!

—sEu desafio você ir até aquela senhora (do outro lado da rua) e perguntar se ela viu a sua lagartixa, a Bijú.

—Oi? —eu perguntei.

—Vai, anda! —a Bia disse rindo. Atravessei a rua e fui até à senhora que devia ter uns sessenta anos.

—Licença, a senhora viu a Biju? A minha lagartixa!

—Querida, espere um minuto. —ela abriu a bolsa e tirou de lá um cartão pequeno. —Toma aqui, é o telefone e endereço do meu consultório... eu sou psicóloga! Se precisar, que percebi que sim, você dá uma passadinha lá.

—Tá, obrigada. Tchau! Tenho que procurar a Biju. —e saí assustada. Atravessei a rua e andei até onde eles estavam e contei o que ela me disse e eles começaram a rir, me fazendo rir também.

—Gente, vinte minutos viram cinquenta com vocês “lesminhando” desse jeito! —a Bia reclamou. Já tínhamos começado a andar.

—Bia, “lesminhando” não é uma palavra. —provoquei.

—Agora é! E vocês estão “lesminhando”!

—Ai meus deuses. — murmurei.

—Gente, vocês já viram Once Upon A Time? Aquela série? —a Bia perguntou.

—Ai, já! Eu amo contos de fadas... eu até meio que acredito neles.

—Como assim? —o Gu perguntou.

—Tipo: eu acredito que eu vou encontrar o meu “encantado” e que tem a bruxa má e seus ajudantes na minha vida. Tipo, uma das ajudantes seria a Fabi...

—Por que você odeia tanto ela? —o Gu me interrompeu.

—Por motivos... —ele revirou os olhos.

—Ai gente, vamos parar naquela sorveteria que tem perto da nossa rua? Tô com vontade de tomar sorvete de amora!



—Tá. —respondi em coro com o Gu.

—Ai gente, para tudo! —e ela parou de andar e ficou na nossa frente. — Olha aqui, quem é o problemático?

—Como assim? —perguntámos em coro.

—Ai povo, please né! Tá na cara dos dois que vocês estão apaixonados um pelo outro. Que o garoto da Lili é você, Gu; e que a Lua do Gu é você, Lili! Vocês são idiotas? —eu olhei para o chão, ele também, aí eu percebi: eu era a Lua dele. Tava na cara. —Tá, vamos que a sorveteria está longe ainda.

Chegámos na tal sorveteria que era meio pequena, com as paredes coloridas e cheias de cartazes de sorvetes, as mesinhas de quatro cadeiras eram pretas e lá na frente se encontrava um balcão cheio de potes de sorvetes de vários sabores.

—Eu vou comprar, vocês querem de quê?

—Eu de Blue Ice com calda de menta —respondi. Eu sempre tomava esse e nunca enjoava.

—Chocolate com calda de morango. —e o Gu sempre pedia esse... eu enjoava na terceira colherada. Ela foi comprar e nos deixou ali sentados na mesa.

—Tá, eu acho que a Bia fez um curso de como constranger alguém.

—Ela fez faculdade disso.

—Pois é!

—Ela tava viajando.. até parece que eu sou o tal garoto que você ama.

—E nunca que eu seria a sua Lua! —ele apertou a minha mão. Aí que eu percebi, desde que eu voltei da senhora psicóloga eu tava de mãos dadas com ele, na verdade, desde que saímos da escola. A gente só andava assim agora.



## Capítulo 12

*Lena*

—Chegámos! Finalmente! Oi Tânia! —a Bia cumprimentou a empregada.

—Oi, Tânia! Tudo bem?

—Oi meus amores! Tudo sim e com você Lena?

—Tô bem.

—Lili, vamos lá para o quarto que a gente tem muito que resolver hoje!

—Nossa! Muito tipo um trabalho de artes.

—E muitas outras coisas —ênfase no “coisas”. Fomos até ao quarto dela. Ele era grande. Tinha um beliche (não sei para quê se era só ela que ficava ali), o armário em frente e uns travesseiros, além dos três puffs num canto. Sentei no puff laranja, que era o que eu sempre sentava e ela no roxo. O outro puff era azul. E por incrível que pareça a TV não era em frente à cama mas sim em frente ao lugar que ficavam os puffs.

—Nós vamos começar agora o trabalho de artes?

—Não, só depois do almoço. Lili, presta atenção: você ama o Gu, certo?

—Claro.

—Então, você tem que demonstrar criatura.

—Mais do que eu já demonstro?

—Yeah! Mas enfim, o que a gente vai fazer para o trabalho?

—Olha, sei lá! É uma pintura abstrata. E se você sujar o dedo de tinta e passar no papel o professor já vai amar! Sabe como que ele é!

—Pois é!

Ficámos ali conversando sobre várias coisas: famosos, Gustavo, esmaltes, cores, garotos, Gustavo, músicas, filmes, Gustavo, etc. Até que recebi uma mensagem: “E aí, como você tá? Beijo!”. Suspirei.

—Que foi?

—O Gu me mandou uma mensagem perguntando como eu estou.

—Vamos fazer o trabalho logo e aí chamamos ele para ver um filme com a gente?

—Tá, mas que filme?

—Ah, você sabe que eu amo cinema, né?! Tenho vários DVD's, a gente escolhe um na hora.

—Tá. —respondi à mensagem dele: “Tô sim! Gu, quer vir aqui na casa da Bia para a gente ver um filme? Beijo!” —Pronto! —um minuto depois ele respondeu: “Tá, a que horas?” —A que horas, Bia?

—Sei lá. Tipo três horas, né?

—Pode ser — então enviei para ele: “Três horas! Tô te esperando <3” e na mesma hora ele respondeu: “Ok <3”.

—E aí? Deixa eu ver! —a Bia tirou o celular da minha mão enquanto eu suspirava. —Huuuuuum, esses coraçõezinhos, tô dizendo! —ela disse e depois deu língua, eu ri.

—Idiota! Eu sou meiga!

—Meiga que nem um coice, né Lili?

—Olha quem fala!

—Meninas, o almoço está pronto. —a Tânia nos chamou.

—Vamos, Lili! Ou perdeu a fome porque o Gu mandou um coração? —ela riu. —Tânia, tá sabendo do romance desses dois?

—Que romance, Bia? —perguntei, me fazendo de desentendida. —Liga não, ela tá maluca! —disse olhando para a Tânia. Ela ficou rindo de nós duas.

—Ai, você e o Gustavo fariam um casal tão fofinho. —ela disse suspirando.

—Quem me dera, Tânia! —eu disse.

—Tânia, ele vai vir aqui às três. Observa: tá na cara que os dois estão apaixonados um pelo outro. E eu vou ficar lá no quarto segurando vela! Só vocês mesmo. —ela disse revirando os olhos e rindo.

—Segurando vela? Só se for para os passarinhos, porque né!

—Eu diria uma vaca e um garoto, mas ok. —ela brincou.



Já tínhamos feito o trabalho. Era para fazer um desenho abstrato, ou seja, fizemos várias linhas coloridas entre círculos, triângulos e retângulos, até que ficou legal. Já eram quase três horas e a campainha tocou. A Tânia foi atender e alguns minutos depois o Gu estava batendo na porta:

—Posso entrar, madames?

—Pode. —respondemos em uníssono.

—E aí, já escolheram o filme? Espero que não seja nada de romance. —ele entrou e se sentou no puff “dele”.

—Ainda não. Eu queria ver um suspense mas a Lili é toda medrosa.

—Não sou medrosa!

—Podia ser um filme de zumbis daqueles bem nojentos e feios. — o Gu disse imitando um zumbi, correndo atrás de mim.

—Ecaaaa! Zumbi não! Pelo amor! —implorei.

—Zumbi até eu tenho nojo. —a Bia “me defendeu”.

—Piratas do Caribe, então? —o Gu perguntou.

—Pode ser. —concordei.

—É! A gente pode ver todos.

A Bia foi até o armário dela e de lá tirou um DVD. Ela colocou—o no aparelho e se sentou do meu lado. Começou o filme e ela ficou com a cabeça encostada no meu ombro e eu no ombro do Gu, que a deitou sobre a minha.



—Ops! As pipocas que a Tânia trouxe já acabaram, vou lá na cozinha pegar mais. —a Bia deu a pior desculpa da face da terra.

—Tá! —já estávamos no terceiro filme e as pipocas já tinham acabado há séculos mas tudo bem. Então ela saiu e foi fazer hora na cozinha.

—Está com medo dos piratas? —o Gu debochou.

—Bom, eu tenho você para me salvar deles. — eu sorri e olhei para baixo, já que eu não conseguia olhar para os olhos dele sem me perder, é impossível!

—Sou seu herói, então? —querido, mais que isso, você é meu tudo.

—Talvez. —eu respondi entrelaçando meus dedos nos dele. Ele sorriu. Ai meus deuses!

—Olá pombinhos do meu coração! —chegou a Bia com o balde de pipocas.

—Calada! Não consigo escutar o filme com você falando. —reclamei.

—Mas com o Gu falando você consegue né?! —ela provocou, dando língua. Revirei os olhos.



—Gente! Já são dez horas da noite, amanhã temos aula!

—E logo história! —reclamou a Bia.

—Tenho que ir, minha vó me mata se eu chegar muito tarde.

—Também vou.

—Tá, vou abrir a porta para vocês, pombinhos.

—Eu não sou um pombo! —reclamei, causando um riso geral. A Bia abriu a porta e nos despedimos dela. Assim que saímos, ele entrelaçou seus dedos nos meus.

—L.?

—Oi?

—Sexta —feira, meus primos, aqueles de quinze anos, vêm para cá com os meus tios. Aí a gente vai acampar num lugar aí, me esqueci onde é... enfim, você quer ir?

—Acampar? Claro que eu quero! Só que eu tenho que falar com a minha mãe.

—É... só uma coisa: um dos meus primos tem mania de disputar tudo comigo, ele provavelmente vai ficar dando em cima de você

—Huum... é, vai ser legal! —impliquei e ele revirou os olhos. Eu já vi os primos dele uma vez, são todos lindos, tipo L-I-N-D-O-S! Mas sempre preferi o Gu.

—Você não vai ficar dando atenção para eles não, né?

—Olha só, chegámos! —sorri de lado para ele.

—Eles são muito velhos, Lena!

—Oi mãe, tchau mãe. E eles são só dois anos mais velhos que eu! —disse dando um selinho nele. Foi automático, só percebi quando me afastei. Minhas bochechas pegavam fogo e as do Gu também.

—Tcha-tchau! —ele gaguejou.

Abri a porta e entrei.

## *Gustavo*

Nossa! Me explique como não se apaixonar. Acho que esse beijo foi o melhor da minha vida, por mais que tenha sido só um selinho, e sim, sei que já falei isso. Talvez eu conseguisse mais que isso no fim de semana, talvez...

Fui caminhando até a minha casa e pensando no que eu poderia fazer no sábado para agradar ela. Se tiver alguém mais apaixonado que eu na face da terra, sério, meus pêsames.

Quando entrei em casa, estava indo para o quarto, minha vó me chamou:

—Oi Gustavo!

—Oi vó! —fui até ela, que estava na cozinha.

—Já jantou?

—Não, mas eu não estou com fome. Comi pipocas.

—Olha lá, hein? A Lena não gosta de garoto fraquinho. —era só o que me faltava, até a minha vó!

## *Lena*

—Mãe?

—Oi?

—Você deixa eu ir acampar com o Gu e a família dele no fim de semana?



—Onde?

—Não sei... enfim, por favor!

—Mas, filha, é perigoso e você não nasceu para acampar.

—Juro que não me vou machucar! E eu nasci acampando, okay? Olha a minha cara de campista.

—Tá, tá.

—Iupiiiiii!

—Mas presta atenção, vamos fazer uma aposta: se você sair de lá namorando o Gustavo, você vai varrer e passar pano na casa todos os dias; senão, eu deixo você fazer o que quiser em um mês.

—Huum, em que show eu queria ir mesmo?



## Capítulo 13

### Lena

Já era de manhã e eu estava na escola com a Bia. O Gu tinha faltado. Então, no recreio, mandei uma mensagem para ele:

*“Oi, Gu! O que aconteceu para você ter faltado hoje? Ah, ótima notícia: minha mãe deixou XD Beijo <3”*

—Será que ele está doente? —perguntei para a Bia.

—Ai, Lili! Calma! Se fosse alguma coisa grave ele ter-nos-ia avisado. Ele deve ter perdido a hora.

—É, pode ser. —fiquei conversando com a Bia sobre a blusa que eu tinha visto no shopping, até que avistei alguém vindo na nossa direção.

### Gustavo

—Gustavo, acorda! —acordei com a minha vó me chamando. Já estava claro demais. Perdi a hora.

—Vó! Eu perdi a hora!

—Calma, nós vamos até ao aeroporto encontrar com seus tios e seus primos.

—Eu vou perder a escola para isso?

—Gustavo deixa de drama! Você tem o final de semana todo para passar com a Lena.

—A mãe dela deixou ela ir? —perguntei já me levantando e sorrindo.

—Sim, ela me ligou para saber os detalhes.

—Okay, vou—me arrumar. —disse ainda com o sorriso no rosto.

—Tá bem, vou fazer o café da manhã.

Coloquei umas calças Jeans escuras, uma blusa de manga dos Nirvana, meus All Star pretos desbotados e fui até à cozinha.

—Gustavo, não quero você e seus primos discutindo!

—Vó, mas são eles que sempre começam, quer dizer, é o Luís que sempre começa. Ainda mais agora que eu vou levar a Lena.

—É só entrar por um ouvido e sair pelo outro, que nem você faz com os meus conselhos.

—Mas vó...

—Gustavo toma logo esse café da manhã.

—Tá.

## *Lena*

—O que aconteceu com o Gu? —eu estava boquiaberta. A Fabiana veio—me perguntar do Gu!

—Não te interessa, senão você saberia. —dei um sorriso irônico.

—Lena, cala a sua boca que você não tem o direito de falar assim comigo.

—Você veio me perguntar algo, quem pergunta quer uma resposta, você recebeu a sua. Agora vai embora daqui, por favor. —pisquei para ela.

—Okay, Lena. Se é assim que você quer... —ela disse e saiu.

## Gustavo

—Oi tia Sandra! —dei um abraço e um beijo na minha tia.

—Oi tio Fábio! —disse apertando sua mão fazendo o mesmo com os meus dois primos: Augusto e Luís.

—Vamos a alguma lanchonete, estou morta de fome e temos muito que conversar. —minha tia disse, animada como sempre. Ela só podia ser maluca, ia comer um hambúrguer às dez da manhã?! Fomos para o carro e ao chegarmos na lanchonete, meus primos pediram sorvete, minha vó um suco de manga, meus tios sanduíches e suco de uva. Eu pedi um smoothie de morango e banana: o preferido da L., será que tudo me lembrava ela?

—Então, como vão as namoradinhas, Gustavo? —minha tia perguntou.

—Não tenho namorada tia!

—Mas e aquela menina do seu aniversário? —meu tio se meteu.

—Ela é minha amiga. —respondi, enquanto as minhas bochechas ficavam num tom avermelhado.

—Mas vocês ficaram de mãos dadas quase a festa inteira e se olhavam de um jeito tão apaixonado. —minha tia suspirou. Minha vó riu. Nessas horas queria ter uma capa da invisibilidade ou um boné que me deixaria invisível, como nos meus livros preferidos.

—Tia, ela é minha amiga, aliás, é ela que vai acampar com a gente.

—Ei, vocês tão falando daquela gata que tava com o Gusta? —o Augusto perguntou.

—Aquela garota linda que ficou—me olhando? —o Luís provocou.

—Meninos! —minha tia repreendeu.

—Parem de falar assim da L.! —fuzilei eles com o olhar e peguei meu celular para fugir daquela conversa. Tinha uma mensagem da L., respondi:

“Oi L., sobrevivendo sem mim? :P

Adivinha só: vim encontrar com meus tios e primos aqui no aeroporto. Que saco! Eles ficam falando várias bostas no meu ouvido, não aguento mais!

Hoje, duas horas no parquinho perto da sorveteria? Preciso fugir! Beijo.”

A mensagem ficou enorme, tomara que ela responda logo.

—GUSTAVO! —meu tio quase gritou comigo.

—Oi? —perguntei meio assustado.

—Estou há um ano tentando falar com você, e você não me responde. Guarda esse celular, estamos numa lanchonete e não no seu quarto! —ele odiava quando estávamos reunidos e eu ficava no celular.

—Tá, desculpa.

## *Lena*

—Será que ela vai inventar alguma coisa? Ela é maluca! —perguntei.

—Calma, Lili! Ela é minha amiga, vou falar com ela —a Bia me acalmou.

O sinal tocou, finalmente livre daquela escola. Peguei meu celular para saber se o Gu tinha me respondido. Tinha uma mensagem dele, li sorrindo e respondi:

Só se a gente tomar sorvete! O meu é de Blue Ice com calda de Menta, hein?! Não esquece kkkkk Fuga concluída! Duas horas eu estou lá :\*

## Gustavo

O tempo passava de cabrito! E que cabrito lerdo! Tive que aturar muitos “Como você cresceu!” da minha tia e implicâncias dos meus primos. Até que perdi a paciência e me tranquei no quarto. Já não tinha mais nada para fazer. Vi vídeos do Porta dos Fundos até me cansar e então chamei a L. no WhatsApp:

**Eu:** L.?

**L. <3:** Heey!

**Eu:** Tudo bem?

**L. <3:** Sim :) E com você?

**Eu:** Mais ou menos. Fazendo o quê?

**L. <3:** Escutando música, e você?

**Eu:** Morrendo de tédio

**L. <3:** Então vamos na sorveteria agora? Preciso de um sorvete.

**Eu:** Ok, me espera na sua porta. Tô indo. Beijo <3

**L. <3:** Ok, beijo <3

Levantei da cama, passei a mão no meu cabelo (que acabou deixando ele mais bagunçado ainda) e fui até à cozinha.

—Vó, vou lá na sorveteria com a L., tchau. —dei um beijo na bochecha dela.

—Eu vou também, quero conhecer de verdade essa sua namorada. —o Luís gritou da sala.

—Ei! Eu também! —o Augusto concordou. Revirei os olhos.

—Não, vocês não vão! Tchau! —e saí batendo a porta. Fui correndo até a casa da Lena, com medo de eles me seguirem.

## Lena

Estava sentada no degrau da minha porta, reclamando no twitter e escutando um rock que o Gu gostava no último volume, até que vejo um par de All Stars na minha frente, olho para cima e ele me estende a mão para me ajudar a levantar.

—Oi, Gu!

—Oi, L.!

—Conseguiu fugir? —perguntei rindo.

—Foi por pouco! Eles iam —me seguir mas eu saí correndo.

—Eles são legais, tá? Pelo menos foram legais comigo na sua festa.

—Melhor nem falar o porquê.

—Há?

—Vamos?

—Tá.

Então fomos andando até à sorveteria. Escutámos música, conversámos, até que chegámos lá e vi certo alguém que não deveria estar ali. Ela veio correndo na nossa direção e abraçou o Gustavo:

—Guuuu! Como você está? O que aconteceu?

—O —oi Fabi! Tô bem, não aconteceu nada. —ele disse tirando ela de cima dele, então segurei a mão dele para marcar território.

—Ai que bom! Fiquei tão preocupada!

—Fabiana, me desculpa, mas nós temos que ir. —eu disse, dando um sorriso amarelo pra Fabi e puxando o Gu. Quando já estávamos um pouco longe da sorveteria o Gu perguntou:

—Ei! O que foi?

—Perdi a vontade de tomar sorvete. —disse e saí andando na frente dele.



—Ô, L.! Espera!  
—O que foi?  
—Me espera. —ele deu um sorrisinho meio triste que me fez derreter por dentro. Entrelaçou seus dedos nos meus e fomos andando juntos.  
—Vamos pra onde? —ele perguntou.  
—Eu vou pra casa.  
—Sua mãe está lá?  
—Não, ela saiu pra ir na Cidade e ainda não voltou. Deve ter—se perdido na biblioteca, como sempre.  
—Olha quem fala! Você é igual a ela. —ele riu.  
—Só que não!  
—Certeza? —ele disse sorrindo de lado. Ai meus deuses: imagina o Ian Somerhalder sorrindo de lado e adicione mais perfeição, ficará como o Gu está agora.

## *Gustavo*

Chegámos na casa e ela me convidou para entrar.  
—Vamos ver uns filmes?  
—Filme?  
—Tanto faz, mas nada de terror, porque eu durmo sozinha!  
—Você é tão medrosa!  
—Eu sei. —ela olhou para baixo.  
—Ei! —falei, acariciando sua bochecha com o meu polegar. Ela deu um sorrisinho que conseguia acabar comigo.  
—Vamos ver que filme? —ela perguntou.  
—Sei lá! Vamos ver uma série?  
—Supernatural?  
— Pode ser.

## *Lena*

Fomos para o meu quarto, peguei o notebook e colocámos a série. Deitámos na cama. Eu do lado dele. Mas óbvio que eu acabei deitando agarradinha com ele, né!? Acabou que eu dormi no começo do primeiro episódio.

## Capítulo 14

*Lena*

Finalmente sexta! Nem fui para a escola, fiquei em casa arrumando a mochila para o fim de semana. Coloquei três shorts, umas calças xadrez e algumas blusas. Uns chinelos e o meu carregador portátil. Depois de um século vendo se eu tinha esquecido algo, mandei uma mensagem para o Gu:

*Bom dia! A Bia tá aí? —Depois de um minuto ele me respondeu:*

*Bom dia! Ela não tá aqui, eu não fui nem pra escola. Minha vó me pediu pra eu ficar aqui por causa dos meus primos e tal.*

*E deu na mesma porque você se trancou no quarto, né?!*

*Pois é... kkkkk mas tenho que ir, ela já tá me chamando :\**

*Ok, beijo <3*

*Gustavo*

—Gustavo, sai logo desse quarto! Vai ficar doente se não comer! —minha vó me chamou batendo na porta do quarto.

—Já vou, vó!

—Vai esperar seu tio chegar da rua?

—Já estou levantando, vó!

## Lena

Estava vendo se tinha esquecido algo na mochila pela sexta vez e, do nada, começou a tocar: “*Fiz esse reggae pra você, pra nunca mais se esquecer que eu ainda tô aqui...*”. Era o toque que eu tinha colocado para a Bia, nós amávamos o Onze:20!

—Alô? —atendi a ligação.

—LILI! VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR! —a Bia berrou.

—Bia, você vai estourar os meus tímpanos!

—LILI, CALA A BOCA E ESCUTA: SABE O DANIEL? ESQUECI! TEM UM MENINO NOVO NA NOSSA TURMA QUE SOCORRO!

—Ele merece um prêmio por ter feito você esquecer o Daniel. —ri do desespero dela.

—Querida, não é só eu: todas as meninas pararam de sonhar com o Dani!

—Fala como ele é! —eu ri ainda mais.

—Lili, ele é um colírio da *Capricho*! Ruivo, olhos verdes, sardas, covinhas, sorriso fofo...

—Ele tem sardas? — perguntei, interrompendo —a.

—Sim, sim! O nome dele é Antônio, mas ele pediu para chamarem ele de Toni.

—Bia, se joga!

—O problema é que eu e mais todas as garotas do nono ano estão se jogando! —ela riu. —Mas fala aí: e o meu casal preferido?

—É amanhã, Bia! —disse com um sorriso enorme.

—Quero ver os dois juntos, hein?

—Também, né Bia!? O problema são os primos dele.

—Calma! Vai dar tudo certo! Tenho certeza! Agora deixa eu ir sonhar com o Toni, beijo!

—Beijo!

## *Gustavo*

—Ô, Gu! Vamos dividir a garota, né?! —Luís provocou, segurando o riso.

—Não vou te responder, Luís! —respondi irritado.

—Ei, calma aí! Só queremos negociar ela. —o Augusto disse rindo. Fiquei vermelho de raiva e me acalmei.

—Já volto. —saí e fechei a porta. Tinha que fugir daquele hospício.

## *Lena*

Já eram três horas da tarde e eu estava vendo Hora de Aventura no Cartoon Network, quando a campainha tocou. Me levantei e fui abrir, devia ser a minha mãe.

—Oi?

—Oi, desculpa incomodar... sou novo aqui. Sabe onde fica a sorveteria? —uma bela voz me perguntou. Aí eu reparei: ele era como a Bia tinha descrito o garoto novo, será?

—Ah, claro! É só ir por ali até chegar no parque e virar, é naquela rua. —apontei o caminho. —Quer que eu vá até lá com você?

—Claro!

—Ok, só um segundo. —desliguei a TV, peguei as chaves no balcão da cozinha e fechei a porta. —Pronto!

—Qual o seu nome? —ele me perguntou.

—Lena, e o seu?

—Antônio, mas pode me chamar de Toni.  
—Ei, você é o garoto novo do nono?  
—Sim —realmente: ele era lindo! Exatamente como a Bia havia descrito.

## *Gustavo*

**Fabiana:** *Oiiii, Gu!*

Era só o que faltava: a Fabiana me enchendo. Mas, como minha vó me deu educação, respondi:

**Eu:** *Oi.*

**Fabiana:** *Por que você não foi na escola hoje? Fiquei preocupada!*

**Eu:** *Eu estava com dor de cabeça.*

**Fabiana:** *Oh, melhoras! Você vai fazer alguma coisa no sábado?*

**Eu:** *Sim.*

**Fabiana:** *Ah, que pena! Tem um filme no cinema que parece ser muito legal. Deixa para outro dia então.*

**Eu:** *Ok. Tenho que ir, tchau!*

**Fabiana:** *Tchau <3*

Revirei os olhos mais uma vez. Para quê esse raio de coração? Será que ela não percebia que eu não gostava dela? Me levantei do bar e fui até à sorveteria. Vi se tinha alguma mesa vaga (aquele lugar estava sempre cheio) e vi a Lena. Quase fui até ela, mas tinha um menino acompanhando —a, fazendo —a rir do mesmo jeito que eu sempre fazia...

## Capítulo 15

*Lena*

Olhei para a porta e vi um garoto: o Gu. Sua expressão transbordava raiva e ressentimento.

*Gustavo*

Ela me viu, eu olhei para ela e saí. Não ia ficar ali, assistindo um garoto roubar a minha Lua. Não sou masoquista.

*Lena*

Olhei para aquele ruivo lindo na minha frente e falei:

—Toni, mil desculpas, mas eu tenho que ir. —me levantei e sai andando.

—Lê, espera... —e não ouvi mais nada. Saí correndo e não encontrei o Gu. Que ótimo! Fui andando até a casa dele, então.

*Gustavo*

Saí de lá o mais rápido possível para ela não me seguir e entrei no bar que tinha perto da maldita sorveteria. Queria ficar sozinho, só isso.

—O que o senhor vai querer? —uma garçonete, que eu nunca vi ali, veio me atender.

—Um guaraná.

—Ok.

## *Lena*

Dez minutos depois, eu cheguei na casa do Gu. Toquei a campainha e um garoto de mais ou menos quinze anos abriu a porta.

—Oi, o Gu está? —perguntei.

—Você é a Lena, né?

—Sim, você é o Luís ou o Augusto? —eles realmente eram muito parecidos.

—Sou o Augusto. E não, ele não está. Mas acho que não vai demorar muito. Se quiser esperar por ele fique à vontade.

—Posso?

—Claro!

—Obrigada! —entrei e falei com os tios do Gu, com o Luís e com a vó dele. E ela sussurrou no meu ouvido:

—Espera lá no quarto dele, faz uma surpresa. —assenti e fui para o quarto dele. Peguei o seu MP3 que estava em cima da mesa, coloquei os fones e deitei na cama.

## *Gustavo*

Já tinha tomado o meu refrigerante e pagado. Como já tinha passado um tempo, fui para casa.

Cheguei em casa e sem cumprimentar ninguém, fui para o quarto. Cheguei lá e vi alguém deitado na minha cama.

—Oi, Gu! —era a Lena.

—Oi —respondi grosseiramente.

—Senta aqui! —ela disse se sentando e batendo no lugar ao lado dela. Fui lá e sentei.



—Gu, ele não é nada meu, ok? Ele só tinha... —a interrompi:  
—Lena, tudo bem.

—Gu, ele tinha ido na minha casa perguntar onde era a sorveteria porque ele é novo na cidade. Aí eu acompanhei ele até lá e a gente ficou conversando, ele é da nossa turma. —ela disse sem pausas.

—Tá. —falei mais calmo, mas por dentro estava querendo uma arma para matar aquele cara.

—Ei, olha para mim e não para o nada. —virei para ela e olhei em seus olhos. —Obrigada. —ela agradeceu sarcasticamente.

—O que você queria me falar? —perguntei grosseiramente.

—Calma, Gu! —ela chegou para mais perto de mim. —Não fica assim. —nossos lábios estavam quase se tocando quando o Luís abriu a porta:

—Oi, gata! Gente, vamos para o shopping, vocês vão? —revirei os olhos. Porque ele tinha que chegar nessa hora? A Lena já tinha se afastado. Olhei para ela, que deu de ombros.

—Podem ir, a gente vai ficar aqui. —respondi.

—Tá, só não engravide a garota aí. —sorrii maliciosamente e saiu fechando a porta. Olhei para a Lena, que estava olhando para baixo. A tentativa de esconder o quão corada ela estava, não deu muito certo. Cutuquei ela.

—L.? —ela olhou para mim e comecei a fazer cócegas nela.

—Ai... Gu... para! —ela tentou falar entre os risos. Segurou minhas mãos e deitou em cima de mim para me fazer cócegas.

—Ei, isso não vale. —eu disse rindo —Trégua! —ela rolou para o meu lado e ficámos ali rindo.

—Me leva para casa? Já está tarde, minha mãe vai-me matar!

— Ah, fica mais um pouco. —disse puxando ela para mais perto.

—Talvez ela não reclame tanto. —ela deitou no meu ombro. Meu Deus! Porque faz isso comigo? Nós estávamos ali fitando o teto sem dizer nada, quando o meu celular tocou. Levantei e atendi:

—Alô?

—Oi, Gustavo! Fala para a Lena que ela tem casa. Vem para cá com ela, se você quiser. Aí você janta aqui, ok?

—Tá, tia! —queria tanto falar “tá, sogra”, mas acho que não posso. Ela desligou e eu deitei na cama de novo.

—L., era a sua mãe. Ela falou para você ir e me chamou para jantar.

—Vamos?

—Tá!

## *Lena*

—Que demora para fechar uma porta, Gu!

—Tô indo, calma! —ele terminou de trancar a porta e entrelaçou seus dedos nos meus. Fomos até à minha casa cantando as músicas das nossas bandas favoritas. Quando chegámos, minha mãe começou a falar sobre qualquer coisa. Confesso que eu não estava nem aí para o que ela falava. Serviu o jantar e depois de mais conversas que eu ficava assentindo e concordando, levei o Gu até ao portão.

—Até amanhã —ele disse.

—Até. — eu dei um selinho nele. Ele se virou e saiu, eu fechei o portão e fui direto para o meu quarto. Tempo, por que você demora tanto para passar?